

# OS CONECTORES REFORMULATIVOS\*

Helênio Fonseca de Oliveira\*\*

## RESUMO

Este artigo fornece subsídios para o estudo da articulação entre constituintes de orações, orações e seqüências de orações, descrevendo o comportamento dos conectores reformulativos (*isto é, ou seja, a saber* etc.), por meio das quais o locutor reformula seu discurso, retificando-o, ratificando-o, parafraseando-o ou dando exemplos.

**Palavras-chave:** Conectores reformulativos; Níveis de articulação; Funções discursivas.

Locuções como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo, na verdade*, e outras – usadas para conectar constituintes de orações, orações e até porções de texto maiores que a oração – são denominadas por alguns gramáticos **conjunções explicativas**.

É o caso, entre outros, de Almeida (1960, p. 307) e Pereira<sup>1</sup> (1942, p. 165-166). Essa denominação, para tais autores, se refere não apenas a palavras e locuções como as da lista acima, mas também a *porque* e seus sinônimos (como *pois, que e porquanto*), quando justificam a enunciação do que se disse antes, o que é um tanto estranho, já que entre os comportamentos sintático-semânticos dos dois grupos quase nada há em comum.

Ultimamente tem prevalecido nas gramáticas a tendência a só denominar **conjunções explicativas** as do segundo grupo (*porque* e sinônimos), ficando as do primeiro sem classificação. É o caso, por exemplo, de Cunha & Cintra (1997, p. 567) e de Lima (1999, p. 186).

\* Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

<sup>1</sup> **Gramática expositiva**. Esta gramática, cuja primeira edição data de 1907, filia-se, ao menos em parte, ao pensamento gramatical de Jerônimo Soares Barboza (*Grammatica philosophica da lingua portugueza*, primeira edição em 1822), que por sua vez se filia à tradição dos gramáticos de Port Royal, de quem Chomsky se considera herdeiro); a **Gramática expositiva** foi reeditada durante pelo menos meio século (a última edição de que temos notícia é de 1957) e exerceu grande influência sobre o ensino de Português no Brasil.

É mais adequado, por conseguinte, distinguir os dois tipos, dando a ambos a devida atenção. Dentro desse espírito, proporíamos denominar **conectores reformulativos** os do primeiro conjunto – a exemplo do que fazem Roulet (1987) e Rossari (1992) – e **explicativos** os do segundo, lembrando que neste trabalho trataremos dos do primeiro.

A denominação **conectores reformulativos** se deve ao fato de que, quando falamos ou escrevemos, “administramos” todo o tempo a produção do nosso texto, numa espécie de **gestão passo a passo**. Às vezes nos equivocamos e **retificamos radicalmente** o que havíamos dito, às vezes achamos que o leitor ou ouvinte poderá pôr em dúvida nossas palavras e as **ratificamos**, outras vezes julgamos que o destinatário poderá **não** nos entender e **parafraseamos** trechos do texto para torná-los mais claros; outras vezes consideramos **inexato** o que acabamos de dizer e o **retificamos parcialmente** em termos, a nosso ver, mais **exatos**. Outras ainda **damos exemplos** para ilustrar o que acabamos de dizer.

Podemos, portanto, **reformular** o trecho anterior do texto das seguintes maneiras:

- (a) retificando-o radicalmente – com os conectores *isto é, ou melhor, aliás, digo, minto* etc.;
- (b) ratificando-o – com conectores como *realmente, de fato, com efeito* etc.;
- (c) parafraseando-o (em nome da clareza) – com *isto é e ou seja*;
- (d) retificando-o parcialmente – com *na verdade; na realidade; para ser mais exato; no duro, no duro* (coloquial) e outros;
- (e) exemplificando, com *por exemplo, como, tal (tais) como e a saber*.

Examinemos o comportamento de cada um desses subtipos.

### 1º subtipo – *ou melhor, digo, minto, isto é e aliás* (estes últimos, quando significam “*ou melhor*”)

O falante **retifica radicalmente** uma porção anterior do texto vista por ele como falsa, quando diz algo como: *Hoje é sexta-feira, ou melhor, é sábado (= ... aliás, é sábado = ... digo, é sábado = ... minto, é sábado = ... isto é, é sábado)*.

Podemos dizer que nessas frases a parte retificada, que no caso é um sintagma verbal, **nem sequer “chega perto” da verdade**.

### 2º subtipo – *realmente, de fato, com efeito* etc.

Este subtipo é usado para **ratificar** o que se disse antes, que é visto por quem fala ou escreve como verdadeiro e a **ratificação** visa a persuadir o leitor/ouvinte dessa veracidade, como nestes exemplos:

*A carne dessa churrascaria é a melhor da cidade. Realmente não se encontra outra tão saborosa. (= ... De fato não se encontra outra tão saborosa = ... Com efeito não se encontra outra tão saborosa.)*

Pereira (1942, p. 165) classifica a locução *com efeito* como **conjunção continuativa**, ao contrário de Almeida (1960, p. 307), que a inclui entre as **explicativas**, ao lado de *isto é, ou seja, a saber, por exemplo* e *na verdade*, além de *porque* e sinônimos.

### 3º subtipo – *ou seja e isto é* (quando substituível por “*ou seja*”)

Esses conectores se colocam a serviço da clareza, como neste exemplo: *Esse pronome é proclítico, ou seja, fica antes do verbo (= ... isto é, fica antes do verbo).*

O que motiva o usuário da língua a empregar construções desse tipo é seu desejo de esclarecer o próprio pensamento, numa espécie de atitude “didática”, mesmo que o texto não seja didático, no sentido restrito do termo.

### 4º subtipo – *na verdade, na realidade* e outros

Enquanto *ou melhor, digo, minto* etc. **retificam radicalmente** a seqüência precedente, *na verdade, na realidade* e outros a **retificam parcialmente**, como se pode observar neste exemplo:

*O Dr. Lopes é advogado. Na realidade, ele é juiz de uma comarca do interior (= ... Na verdade, ele é juiz de uma comarca do interior = ... Para ser mais exato, ele é juiz de uma comarca do interior).*

A parte retificada, neste caso, é vista como **inexata**, no sentido de que, embora “chegue perto” da verdade, seria falsa na lógica binária. Mas note-se que, ao contrário do que ocorre com as construções com *ou melhor* e equivalentes, desta vez o elemento retificado se aproxima da verdade. Trata-se de uma assertiva falsa, mas intuída como **quase verdadeira**, ao contrário daquele “*Hoje é sexta-feira*”, que se intui como **absurdo**.

Fica patente a diferença entre a proposição quase verdadeira e a falsa quando se compara o exemplo acima com o que se segue:

*O Dr. Lopes é advogado, ou melhor, é dentista.*

Desta vez a versão reformulada diz algo completamente diferente do que havia sido dito antes. As duas atividades – advocacia e odontologia – nada têm em comum, ao passo que a profissão de advogado e a de juiz são atividades afins: estão sob o mesmo **frame** na nossa cognição.

Há casos ainda em que esses conectores retificam, também parcialmente, uma seqüência anterior vista como **inexata**, mas não mais no sentido de **falsa** e sim no de **incompleta**, como acontece nestes exemplos:

*O Dr. Lopes é advogado. Na realidade, é advogado e professor. (= ... Na verdade, é advogado e professor = ... Para ser mais exato, é advogado e professor).*

Note-se que, tanto nos casos em que a parte reformulada é quase verdadeira quanto naqueles em que é incompleta, porém verdadeira, os conectores são os mesmos — *na realidade, na verdade, para ser mais exato* etc. — o que significa que recebem o mesmo “tratamento” discursivo tanto uma proposição falsa, mas que “chega perto” da verdade, quanto uma verdadeira mas incompleta, donde se conclui que a lógica aplicável à linguagem não é a do **princípio do terceiro excluído**, segundo o qual uma proposição seria ou verdadeira ou falsa, não havendo um terceiro valor. Esses exemplos demonstram que nas **línguas naturais** além do “sim” e do “não” existe também o “depende”, digamos assim.

### 5º subtipo – *a saber, por exemplo, tal (tais) como e como*

**Exemplificar** também é reformular. É o que ocorre com o quinto subtipo, que, por sua vez ainda se subdivide. Existem aí dois valores semânticos: o de *a saber*, que se usa quando a exemplificação abrange todo o conjunto a que se refere e o dos demais, que se empregam quando nos limitamos a alguns elementos do conjunto.

Isso explica por que causa estranheza uma frase como:

*\* O gráfico se refere aos sentidos, por exemplo, a visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar (= ... tais como a visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar = ... como a visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar).*

Uma vez que a lista inclui todos os sentidos, deve-se usar *a saber*. Ao contrário, quando a listagem está incompleta, tem-se de empregar um dos outros três:

*Há no litoral brasileiro praias muito bonitas. Por exemplo, Copacabana, Ipanema, Guarapari, Itapoã etc. (= ... como Copacabana, Ipanema, Guarapari, Itapoã etc. = ... tais como Copacabana, Ipanema, Guarapari, Itapoã etc.)*

Aqui, ao contrário, se usássemos *a saber*, estaríamos dizendo que as praias brasileiras são apenas essas.

### Observações:

- (1) O conector *isto é* pode ser retificativo ou parafrástico, dependendo da frase.
- (2) *Aliás*, além de servir à retificação, pode ser usado também para acrescentar ao texto um argumento aparentemente inocente, mas decisivo, em prol da tese do argumentador – cf. Koch (1989, p. 68) – como neste exemplo:

*O João é um tanto insensível às preocupações dos ecologistas. Aliás, eu o vi ontem na seção de artigos para lazer da loja X comprando munição e um apito para caça.*

(3) Palavras e expressões como *na verdade, realmente, de fato* e outras servem para mostrar o **grau de adesão** de quem fala ou escreve ao **conteúdo proposicional da mensagem**, ou seja, exprimem em que medida essa pessoa acredita no que está falando ou escrevendo, ou ainda, até que ponto **adere** ao que diz. Perelman & Olbrechtstyteca (1996) chamam atenção para o fato de que uma lógica baseada no conceito de graus de adesão à tese encontra maior aplicabilidade nos estudos sobre argumentação do que a lógica clássica, binária, fundamentada no princípio do terceiro excluído.

### ABSTRACT

**T**his paper is a contribution to the study of the way phrases, sentences and sets of sentences are connected. It describes the use of Portuguese connectors such as *isto é, ou seja, a saber* etc. used in discourse reformulation.

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 1960.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed., 34. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Coesão textual*. São Paulo, Cortez, 1989.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 58. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTSTYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins, 1996. A primeira edição (publicada em Bruxelas e intitulada *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*) é de 1958.
- ROSSARI, Corinne. De l'exploitation de quelques connecteurs reformulatifs dans la gestion des articulations discursives. *Pratiques*. Metz, v. 75, p. 111-125, set. 1992.
- ROULET, Georges-Eddy. Complétude interactive et connecteurs reformulatifs. *Cahiers de Linguistique Française*. v. 8, p. 111-140, 1987.